

## DE MISSÃO A VILA: UM PANORAMA DE COARI SOB A PERSPECTIVA DOS VIAJANTES (1743-1883)

### DE MISSION A VILLA: UN PANORAMA DE COARI DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS VIAJEROS (1743-1883)

IVANELISON MELO DE SOUZA<sup>1</sup>



#### Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar um panorama de Coari, desde sua fundação como uma missão, tornando-se aldeia, lugar, freguesia e vila (entre os anos de 1743 até 1883) sob o olhar dos viajantes, como Charles-Marie de La Condamine, Francisco Xavier Ribeiro Sampaio e Paul Marcoy. Para tanto, o artigo se estrutura em três partes, a primeira abordaremos a visão dos viajantes sobre a estrutura de Coari, as situações das casas e da Igreja, e os desejos da população de mudarem seu povoado para terras mais férteis. O segundo tópico é analisado a economia local, o extrativismo, a agricultura e a indústria da região, e suas exportações para o baixo Amazonas e arredores. O terceiro e último ponto abordará a própria população, seus medos, sua cultura, sua alimentação, bem como as lutas para a sobrevivência das doenças que alastravam pela região.

**Palavras-chave:** Coari; Século XVIII e XIX; Viajantes; População; Economia.

#### Resume:

Este artículo tiene como objetivo analizar un panorama de Coari, desde su fundación como misión, convirtiéndose en aldea, lugar, parroquia y villa (entre los años 1743 a 1883) bajo la mirada de los viajeros, como Charles-Marie de La Condamine, Francisco Xavier Ribeiro Sampaio y Paul Marcoy. Para ello, el artículo se estructura en tres partes, la primera de las cuales abordará la visión de los viajeros sobre la estructura de Coari, las situaciones de las casas y la Iglesia, y los deseos de la población de trasladar su pueblo a tierras más fértiles. El segundo tema analiza la economía local, el extractivismo, la agricultura y la industria en la región, y sus exportaciones a la baja Amazonas y alrededores. El tercer y último punto abordará la propia población, sus miedos, su cultura, su alimentación, así como las luchas por sobrevivir a las enfermedades que se propagan por la región.

**Keywords:** Coari; siglo XVIII y XIX; Viajero; Población; Economía.

#### Introdução:

Este artigo propõe uma análise espacial e temporal, do lugar/freguesia/vila de Coari, a partir da perspectiva de alguns viajantes estrangeiros e brasileiros<sup>2</sup>, que visitaram

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e membro do corpo editorial da Revista de Pós-Graduação Canoa do Tempo.

<sup>2</sup> Segundo Cruz (2002, p. 62), opta-se por utilizar o termo “brasileiro” para se referir a uma naturalidade e não uma nacionalidade, sendo evidente o anacronismo, pois se sabe que foram cunhados vários termos para designar os nascidos no Brasil, tanto em nível macro como em nível regional. Para o texto não ficar confuso, optei pelo termo mais conhecido, o brasileiro.



a localidade/região ao longo do século XVIII e XIX. Para entendermos os relatos de viajantes, primeiramente, precisamos saber quem são eles e as suas intenções ao se aventurarem em um lugar considerado “selvagem”.

Lorelai Brilhante Kury, na obra “Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista”, nos oferece uma visão sobre as motivações e dificuldades desses viajantes. Na obra, Lorelai Kury, descreve como era para os mesmos a decisão de fazerem uma difícil viagem para as terras do “Novo Mundo”, desde os perigos que poderiam levar à sua morte nesta empreitada, até a própria desvalorização da importância do trabalho destes viajantes por parte da comunidade científica.

Vários deles nunca chegaram a viajar, se mantendo em seus gabinetes, aqueles que viajavam eram, normalmente “naturalistas mais jovens, oficiais da Marinha, nobres em busca de entretenimento filantrópico ou aventureiro em geral” (Kury, 2001, p. 864). Essa empreitada pelo “Novo Mundo” resultou em muitos relatos, como observações da fauna e flora, bem como dos povoados e populações ao longo dos rios.

A partir do momento que encaramos os relatos dos viajantes como fontes históricas importantes para a análise de narrativas e vivências passadas, percebemos sua relevância para o esboço de um panorama do lugar/freguesia/vila de Coari durante os séculos XVIII e XIX. Nesse sentido, em sua obra “Relatos de viajantes”, Antonio Marcos Myskiw, nos traz uma perspectiva sobre a importância desses registros, e como os relatos seguem um certo padrão encontrado em quase todos eles:

[...] O relato de viagem começa tomar forma quando o viajante registra, o que viu, ouviu e ponderou, num diário de viagem (ou caderno de notas). São as informações que figuram no diário de viagem, além de outras memórias não anotadas, que facultam, ao viajante, escrever (extrair, selecionar, excluir e/ou resumir) os relatos da viagem que está a realizar ou que acabara de encerrar. A narrativa, geralmente, segue o itinerário da viagem, enfatizando os caminhos percorridos, os lugares visitados, os estudos realizados, as pessoas com quem conversou e lhe cederam abrigo e comida. Certa ênfase também é dada à cronologia temporal (dia, mês, ano, estações) pois, além de permitir ao viajante manter-se ciente de quantos dias/meses gastou para percorrer determinado caminho ou quanto tempo levou para cumprir os objetivos, é utilizado estrategicamente pelo narrador para chamar a atenção dos leitores para determinados acontecimentos e/ou reflexões (Myskiw, 2011, p. 207).

Os dados registrados pelos viajantes constituem ferramentas substanciais para a compreensão da dinâmica de Coari ao longo dos séculos XVIII e XIX, notadamente entre os anos de 1743 e 1883. No entanto, é imperativo evitar um possível equívoco na análise histórica ao tomar como verdade a visão propriamente dita sobre a região, sem questionar



o “porquê” do viajante relatar de tal forma o lugar ou região, e os motivos de acrescentar ou omitir alguns fatos a sua narrativa.

Essas distintas perspectivas podem resultar em uma aparente contradição na percepção do leitor, levando a interpretações díspares do lugar que, por exemplo: em um determinado momento é descrito como um lugar belo e abundante, e em outro é miserável e selvagem. Segundo Luciana Rossato em sua obra “A Natureza da Capitania de Santa Catarina a partir dos relatos dos viajantes”, essas diferentes visões não causam contradição e sim uma "dualidade de imagens" que provoca uma “duplicidade de significados” (Rossata, 2005, p. 01).

Além da criação da dualidade de imagens, os relatos não estão fora da realidade dos lugares de origem desses indivíduos. Yuri Tavares Rocha na obra “Fontes históricas e pesquisas geográficas: relatos de viajantes, iconografia e cartografia”, nos diz que esses viajantes também recebem "influências políticas, religiosas, militares ou pessoais” (Rocha, 2005, p. 142). Essas influências permeiam suas narrativas, nos permitindo observar as opiniões pessoais desses personagens e como eles compreenderam a região e seu povo. O que vai ao encontro o raciocínio de Eloisa H. C. da Luz Ramos em sua obra “São Leopoldo pelo olhar dos viajantes (1834-1906)”, que ao se basear em Peter Burke, diz: “[...] constata que de qualquer modo, o ingresso em uma cultura estranha ou semiestranha transforma o viajante em espectador, observador, se não em voyeur [...]” (Ramos, 2012, p. 242).

Com toda essa bagagem cultural provinda dos viajantes, podemos então analisar esses relatos, como Ramos se propõe a fazer, considerando o valor destas diferentes perspectivas, podendo servir ao pesquisador como conhecimento para o estudo “do passado de vilas, cidades e de outros espaços, assim como de suas gentes desde que tomadas como fontes e tendo o cuidado para não negligenciar os pontos destacados por estes informantes” (Ramos, 2012, p. 242).

A visão de Myskiw sobre o uso dos relatos de viajantes complementa a de Ramos, ao afirmar que “os livros de viagens abrem a possibilidade de se refletir sobre economia, sociedade, política, cultura, cotidiano, identidades, representações e tensões sociais, seja a nível local e/ou regional” (Myskiw, 2011, p. 208).

Com o perfil social e cultural delineado a partir dos relatos desses viajantes, analisaremos neste artigo o lugar de Coari a partir de três pontos diferentes: o primeiro destaca a descrição da localização e estrutura organizacional de Coari, desde sua condição de aldeia até sua elevação ao status de vila; o segundo aborda a economia local e regional,



investigando as fontes de sustento dessa comunidade na floresta amazônica e suas práticas comerciais; o terceiro ponto será a análise da própria população, seu bem-estar social, suas dificuldades e suas visões sobre o local onde residiam. Através desses três pontos podemos construir um panorama de Coari no recorte histórico analisado.

### **Coari no decorrer de dois séculos**

Coari, conhecida atualmente como a Rainha do Solimões, tem suas raízes históricas vinculadas ao período colonial. Uma das menções mais antigas à localidade vem de Charles-Marie de La Condamine, quando passava pela região de Coari entre 1743/44 em sua tentativa de encontrar as famosas guerreiras lendárias e mitológicas, as Amazonas, registradas na expedição de Orellana. Segundo suas informações, em Coari existia um indígena que sabia onde as Amazonas se localizavam, em busca deste indígena, encontraram seu filho, que lhes disse onde se localizavam estas guerreiras, fazendo-os se espreitarem pela região em busca dessas mulheres guerreiras, nunca as encontrando (La Condamine, 2000, p. 81-82).

Na expedição feita pelo Padre José Monteiro de Noronha em 1768, temos um melhor entendimento sobre o local exato onde ficava o lugar de Alvellos<sup>3</sup>, nome português dado a Coari no período pombalino. Localizada no Rio Coari, 04 léguas de sua foz, em uma baía que ficava próxima de três rios (Noronha, 1862, p. 36), antes disso, residindo em três localidades diferentes ao longo do Rio Solimões.

[...] A sua primeira fundação foi no canal de Paratari [...] na margem esquerda, e oito léguas acima da sua barra. De Paratari o mudou o Pe. Fr. José da Magdalena Carmelita, para o riacho Uanamá [Anamã], [...] à parte direita dele, e meia légua com pouca diferença acima da sua barra. De Uanamá o mudou o Pe. Fr. Antonio de Miranda, para o sítio de Guajaratiba, [...]. De Guajaratiba o mudou finalmente o Pe. Fr. Mauricio Moreira, para o rio Coari, onde presentemente está (Noronha, 1862, p. 37).<sup>4</sup>

Coari surgiu de uma missão que se atribui ao Jesuíta Samuel Fritz, todavia, sua fundação também se dá aos Carmelitas, e por falta de documentos da época, não temos como saber quais das duas ordens fundaram a missão de Coari. Isso não nos impede de sabermos por onde essa missão se locomoveu até chegar a sua localização atual.

<sup>3</sup> A aldeia de Coari foi elevada à Lugar de Alvellos em 1759, pelo então Governador Joaquim de Melo e Póvoas. (MELLO, 1986, p. 116)

<sup>4</sup> Parágrafo corrigido para a Nova Ortografia por mim, como todos os parágrafos referentes aos relatos de viajantes seguintes.



Sua fundação surgiu no canal de Paratari, localizada onde hoje é o município de Manacapuru, mudada pelos Carmelitas para o riacho Anamã, onde atualmente se localiza o município de Codajás, depois para Guajaratiba, novamente para onde hoje é o município de Manacapuru, e por fim, a última mudança realizada no século XVIII, e penúltima como um todo, para uma baía no Rio Coari, cujo nome se tornou Alvellos (Mello, 1986, p. 116).

O Ouvidor, Francisco Xavier Ribeiro Sampaio, em sua visita à Coari em 1774/75, nos dá um panorama sobre a estrutura de Alvellos<sup>5</sup>. O lugar ficava em uma planície de uma praia, as casas foram construídas em uma única rua, cuja extensão se dá por toda a praia. Alvellos era sujeita a tempestades que dificultam a navegação e as formigas que acabavam com as plantações, não sendo um bom lugar para se fixarem. O motivo levantado por Sampaio para justificar a fixação do lugar nesta região inóspita, foi a fuga dos outros três lugares anteriores por causa dos mosquitos e dos Mura. A primeira causa tem relação de acordo com Alfred Russel Wallace, com os rios de águas negras, descreve que os viajantes buscavam esses tipos de rios, “pois dificilmente se encontram os importunos insetos nos rios de águas escuras” (Wallace, 2004, p.506), mostrando a escolha do lugar onde se encontrava Alvellos.

Os Mura, outra das causas das mudanças, de acordo com Sampaio, estavam espalhados pela região, fazendo assaltos ao redor da entrada do rio – lugares perfeitos para isso, formadas por “altas e escarpadas barreiras” cujas cores irradiavam em vermelho – colocando medo na população, assim evitando sua saída do local. Ele dá uma sugestão de onde deveria se localizar o povoado, na parte da barra de Coari, sendo sua foz, lugar perfeito para plantações de cacau. Porém, pelo medo enraizado de ataques dos Mura, sendo infundado ou não, os impediam de se mudarem para a foz do Coari (Sampaio, 1825, p. 22-23).

Alvellos além de ter uma única rua, possuía 40 casas e 29 fogos<sup>6</sup>. Os estados de conservação em que se encontravam as casas e a igreja eram de bom estado e ordinárias, sendo o Diretor do povoado, Domingos de Macedo Ferreira, um homem zeloso e responsável (Sampaio, 1985).<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Usarei o nome de Alvellos para Coari, voltarei a usar Coari a partir do ano 1874, por motivos de nomenclaturas e para não ficar anacrônico ou criar confusão com mudanças repentinas.

<sup>6</sup> Segundo o dicionário "Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Candido Figueiredo" revisada em 2010, Fogos aqui presente significa “Residência de uma família. Família: *aldeia de 50 fogos*.”

<sup>7</sup> Os dados presentes neste parágrafo foram extraídos do mapa número IV da obra de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1985).



O Ouvidor Sampaio representa nesta visita o Estado, e o contraponto dele é o Padre Caetano Brandão, representando a Igreja, este segundo, visitou o lugar de Alvellos em 1789. Em sua observação sobre a estrutura do povoado, ela possuía casas de palhas e muito danificadas, a Igreja não estava muito diferente destas casas, cobertas de palha e inclinada para um lado, podendo cair a qualquer momento, mas a população estava construindo outra matriz, de acordo com Brandão, já estava visivelmente agradável, mas sem ornamentos e alfaias. A situação das moradias e da Igreja se deteriorou desde a visita de Sampaio mais de uma década antes. O lugar não possuía mais do que trezentos habitantes entre os indígenas (Amaral, 1867, p. 307-308).

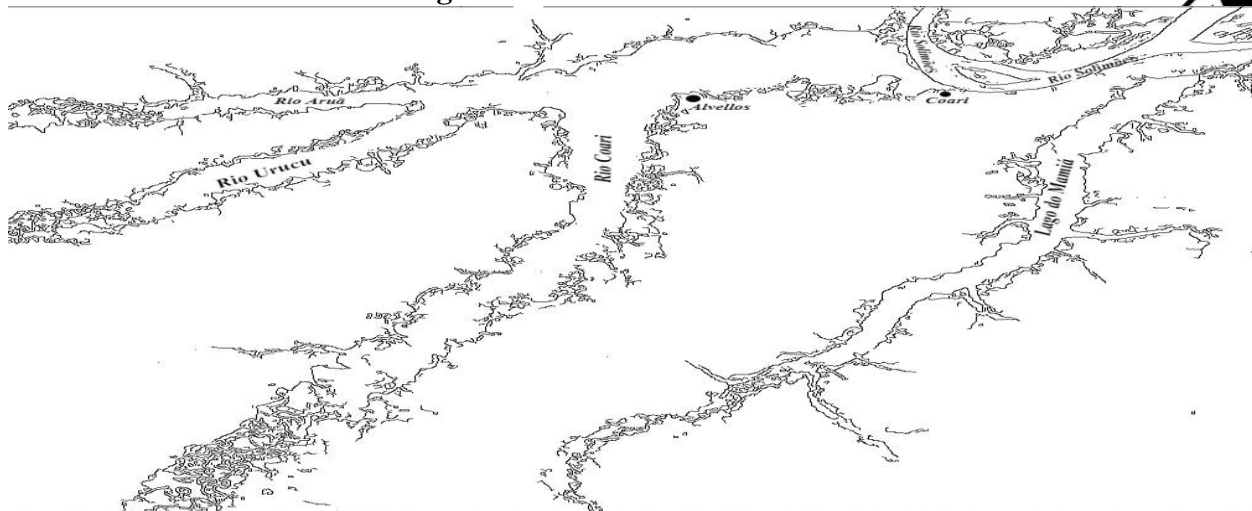
Adentrando o século XIX, Manuel Aires Casal em 1817 registrou em sua Coreografia Brasílica sobre Alvellos: “vila pequena, situada sobre uma grande enseada em um vistoso arraial” e cuja Matriz é dedicada a Sant’Anna (Casal, 1817, p. 328).

Próximo a Casal, temos Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich P. von Martius, em sua “Viagem pelo Brasil (1817-1820)”. Em sua expedição pelo rio Amazonas, eles relatam que Alvellos foi uma das missões fundadas pelos Carmelitas, reforçando essa discussão sobre qual foi seu fundador, Jesuítas ou Carmelitas (Spix & Martius, 2017, p. 243). Segundo Spix e Martius, Alvellos se encontrava na seguinte situação: “as casas, ou antes as pequenas choças cobertas de folhas de palmeiras, perfilam-se em linha irregular, ao longo da margem baixa, não revestida de vegetação alta, suja e enredada do Amazonas e Solimões, mas com bonitos arbustos, tendo num e noutro ponto campinas abertas” (Spix & Martius, 2017, p. 243-244).

Depois de 10 anos da vinda desses dois viajantes, Antônio Ladislau Monteiro Baena em seu trabalho “Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará” de 1833, afirma que Alvellos pertencia ao termo da Vila de Ega, atual Tefé. Ele remonta o que foi dito por La Condamine, que afirma que Alvellos estava localizada próximo a três rios: o Coari, onde está fixada; o Rio Urucu; e o Rio Aruã<sup>8</sup>, formando assim a ampla baía do lugar de Alvellos, como consta na carta da imagem 1.

---

<sup>8</sup> A nomenclatura antiga dada ao rio é Arauá, mas usarei a nomenclatura atual, pois também aparece como Araua ou Arauã.

**Imagem 1.** Carta do entorno de Coari

**Fonte:** Carta feito por (Autor).

A partir de suas observações, pode constatar que o povoado continuava somente com uma rua em torno da praia, que vai de umas barreiras medianas até um igarapé. Segundo sua pesquisa, durante sua ida ao povoado, o lugar tinha somente 168 fogos, contrastando, assim, com os 300 fogos que foram ditos a ele que Alvellos possuía. A Igreja de Sant'Anna tinha uma cobertura de telha, diferente das casas que serviam como domicílios, sendo elas cobertas de ramagens (Baena, 2004, p. 293-294), provavelmente a mesma igreja que o padre Caetano observou a construção.

Baena segue a mesma direção das conjecturas de Francisco Xavier de Sampaio sobre Alvellos, que se encontrava em uma situação ainda desfavorável a população: as formigas continuavam se multiplicando e acabando com as lavouras, as tempestades aconteciam com frequência, e por ficar à 04 léguas de sua foz, não conseguiam utilizar as terras férteis para suas plantações (Baena, 2004, p. 294).

Um século desde a vinda de La Condamine para a região de Coari, o naturalista italiano Gaetano Osculatti em 1847, também contribui para a análise sobre o estudo de Coari. Diferente dos outros viajantes acima citados, Osculatti não adentra mais o lugar de Alvellos, e sim a Freguesia<sup>9</sup> de “Alvellos”<sup>10</sup>, elevada em 1833 através do decreto “Divisão das Comarcas e Termos da Província do Pará” de 25 de junho do mesmo ano (Mello, 1986, p. 117). Seu relato não difere muito dos viajantes anteriores, a não ser pelo fato de ter sido elevada à Freguesia, quase nada mudou. “Surge à esquerda, ao subir Coari em

<sup>9</sup> É a menor divisão administrativa do Império português no período colonial. (SCARATO, 2004, p. 02)

<sup>10</sup> “O Lugar elevado à categoria de Freguesia de Nossa Senhora de Santana de Coari, voltando o seu antigo nome. Pelo Decreto número 146, de 24 de outubro de 1848, figurava como Freguesia ou Colégio Eleitoral subordinado ao Termo de Tefé, com o nome de Alvellos” (MELLO, 1986, p. 117).



lugar eminente, e em situação pitoresca: [...] aldeia é uma reunião de choupanas formando uma só rua, com uma pequena igreja dirigida por um missionário, o padre Pereira, e é residência de um comandante e um delegado civil” (Osculatti, 1990, p. 164-165).

O naturalista Paul Marcoy chegou a Alvellos por volta de 1848, um ano depois de Osculatti, cuja obra se intitula “Viagem pelo rio Amazonas”. Quando ele adentra o lago Coari, primeiramente observou um pequeno povoado composto por seis casas cobertas de palha no topo de uma elevação, denominado Tauá-Mirim. À base da elevação, doze casas menores agrupavam-se em pitoresca desordem. No entanto, essas casas, ao contrário das demais construídas em terra firme, sustentavam-se sobre jangadas ou balsas.

Essa parte do relato de Marcoy se torna interessante ao analisar os relatos anteriores sobre a situação precária da Freguesia de Alvellos, onde a população por medo dos Mura, não se afastavam do povoado, não utilizando desta maneira as terras férteis da foz do rio Coari. Agora próximo à foz, temos o lugar de Tauá-Mirim (Imagem 2), onde sua população vivia em flutuantes por causa da área de várzea, a quatro léguas da Freguesia, expandindo assim o domínio de Alvellos. Porém, mesmo com essa expansão, esse lugar segundo Marcoy era “somente um posto avançado sem importância” (Marcoy, 2006, p. 142).

### Imagem 2. Lugar de Tauá-Mirim



**Fonte:** Ilustração feita por Édouard Riou.  
(<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9741436x/f429.item>)

Paul Marcoy ao descrever a Freguesia de Alvellos (Imagem 3), usa palavras que fazem o leitor adentrar o povoado e imaginar junto a ele, como essa Freguesia se constituía:

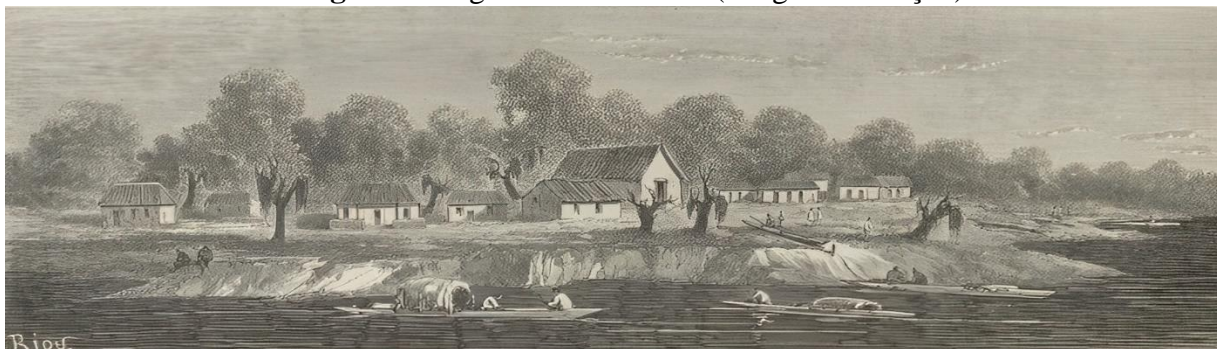
Fiquei chocado com a feiura e a melancolia do lugar. Imagine-se, na margem de um amplo lençol de água, preta como tinta de escrever, imóvel e densa, um pedaço de terra coberta de capim rasteiro e amarelado; sobre esse chão, onze casas cobertas com folhas de palmeira num espaço de cento e cinquenta metros





e, algo recuada, uma igreja que mais parecia um miserável celeiro como o reboco caído e o telhado afundado em vários pontos. Aqui e lá, completando o quadro, havia algumas cuieiras e laranjeiras plantadas pelos carmelitas portugueses que no século 17 fundaram no lugar uma missão chamada Alvellos. As cuieiras, nuas, dobradas e quebradas pela idade; as laranjeiras, ao invés de folhas e frutos, carregadas de longos pendões de um musgo branco chamado salvagina que lhes dava a aparência de velhos alquebrados cobertos de trapos. Acrescente-se a isso, a título de animação, cinco ou seis vacas magras andando de porta em porta, como a pedir aos seus donos um pasto melhor do que o capim amarelo, e ter-se-á um quadro preciso da capital de Coari (Marcoy, 2006, p. 144).

### Imagem 3. Freguesia de Alvellos (antiga localização)



**Fonte:** Ilustração feita por Édouard Riou.  
(<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9741436x/f430.item>)

A conversa que ele teve com o padre de Alvellos antes de deixar a Freguesia pode nos dar uma pista sobre a expansão da população da região para cada vez mais longe do povoado. De acordo com Paul Marcoy, ao redor do Mamiá<sup>11</sup> (Imagem 1), existiam famílias Mura em suas margens, fazendo com que o padre de Coari conseguisse uma autorização, do comandante da Barra do Rio Negro, para então fundar uma missão com esses Mura do Mamiá. Essa missão serviria para que esse povo indígena trabalhasse nas lavouras de café que o próprio padre acreditava que poderia converter-se em uma grande fonte de receita (Marcoy, 2006, p. 146-147).

A tentativa do padre de tentar criar a missão para os Mura, acabou se constituindo em um processo de “pacificação” desse povo indígena, tornando possível a expansão da população para além da Freguesia, pois com a diminuição do medo por esse povo dito “bárbaro”, seus desejos de décadas de terras melhores para plantio puderam ser realizados aos poucos, começando a empreitada para ocupar a foz do rio Coari antes mesmo dos Mura saírem da região ou serem completamente “pacificados”.

Em 31 de dezembro de 1851, W. L. Herndon e Lardner Gibbon chegaram ao rio Coari, seu objetivo era explorar o vale do Amazonas, registrando no caminho sobre as

<sup>11</sup> Lago hoje pertencente ao município de Coari.



freguesias, vilas e cidades que passavam. Alvellos surge em seus escritos a partir de informações que diziam ser um lugar insignificante, onde não se poderia nem conseguir provisões para a viagem, tampouco informações que pudessem ajudar, e como demoravam muitas horas para chegar no povoado, não valia a pena a viagem até o local (Herndon & Gibbon, 2003, p. 327). Como já estavam no lago de Coari, encontraram o que provavelmente era o que Paul Marcoy descreveu como Tauá-Mirim (Imagem 2). Segundo eles, era um pequeno assentamento hostil a forasteiro, sendo o chefe principal ou alguém detentor de poder do lugar, na visão dos dois viajantes, um homem pouco confiável.

Avançamos mais ou menos uma milha pela margem direita do lago e nos deparamos com um pequeno assentamento de dez ou doze casas, mas não conseguimos nada. As pessoas pareciam nos temer e fechavam suas portas em nossas caras. O suplente, ou o chefe principal do lugar, disse que se déssemos dinheiro a ele, mandaria buscar para nós algumas aves e bananas; mas como ele estava um pouco bêbado a esta hora (sete da manhã) não confiei nele (Herndon & Gibbon, 2003, p. 327).<sup>12</sup>

Com a elevação do Amazonas à categoria de Província em 1850, uma nova organização estrutural surgiu na região, voltada, principalmente, para a busca do “progresso”. Para interligar as povoações ao redor do rio Amazonas, foi incorporado o navio a vapor às navegações. Alvellos não foi excluída dessa transformação no controle fluvial, tendo uma estação para esses vapores. O primeiro vapor a chegar ao lago de Coari foi o Marajó, ligando Belém à Nauta, em 1853. Nessa primeira viagem, um ajudante do vapor, Anacleto Elizario da Silva, registrou todo o processo de viagem do Marajó e publicou no jornal Correio Mercantil do Rio de Janeiro. Alvellos surge entre seus registros de maneira instigante.

Alvellos contava com 32 fogos, em sua maioria casas pequenas e cobertas de palha, uma diminuição drástica dos 168 fogos registrados por Spix e Martius, provavelmente houve a migração de uma parcela da população para a foz do Coari. Fora da freguesia, ao redor da boca do Coari a situação era diferente, possuindo “26 fogos muito disseminados, e tornando-se mais notáveis duas casas grandes, uma de um ex-tenente Simões Soure [...], e a outra pertencente a um negociante David Abudaram

---

<sup>12</sup> O parágrafo está espanhol, então traduzi de forma livre, o original consta a seguir: Avanzamos más o menos una milla por la orilla derecha del lago y nos detuvimos frente a un pequeño asentamiento de diez o doce casas, pero no pudimos conseguir nada. La gente parecía temernos y cerraba sus puertas en nuestras caras. El lugarteniente, o el hombre principal del lugar, dijo que si le dábamos dinero, mandaría a buscarnos algunas aves de corral y plátanos; pero como estaba un poco borracho a esta hora (siete de la mañana) no confié en él.



[Abudarham]<sup>13</sup>” (Silva, 1854, n. 54). A quantidade de Fogos da freguesia ao redor da boca do rio Coari são quase as mesmas, mostrando a grande intenção da população de se mudar desse lugar inóspito, descrito por Paul Marcoy como cidade fantasma. A esse respeito, Anacleto, deixa registrada a vontade da população:

[...] por termos exata informação de que há muito os habitantes de Alvellos tencionavam mudar a povoação para a boca do Coari, prova de que a povoação é insignificante, e que o ponto importante será sempre a boca do Coari. Além disto a boca do Coari é muito bom lugar para fundação de uma grande povoação, sendo muito fértil, com belos terrenos elevados, onde a cheia, por maior que seja, nunca chegará, e muito abundante de peixe; [...] (Silva, 1854, n. 54).

De volta de Nauta, o Marajó atraca novamente no lago de Coari, e o ajudante do vapor registra dados contraditórios. Anacleto relatou em setembro de 1853 que Alvellos possuía 32 fogos, mas em outubro do mesmo ano, a freguesia tinha somente 07 fogos e 38 habitantes, e ainda acrescentou os indígenas da etnia Mura vivendo nas redondezas. Essa contradição pode ter ocorrido por Anacleto usar dados de terceiros. Em todo o distrito de 04 léguas a partir do centro do lago, poderiam existir 150 fogos e 800 almas (Silva, 1854, n. 81). Ainda continua com sua opinião sobre a mudança da freguesia para a boca do Coari:

Novamente repetimos que é muito vantajosa a mudança da freguesia de Alvellos para a boca do Coari, sendo esta a vontade da maior parte dos habitantes. Na boca do Coari oferece, um lindo local, muito abundante de peixe (mais que na freguesia), e próprio para uma grande povoação: já tem muitas casas, e dizem todos ser muito fácil a mudança. Da boca do Coari à freguesia de Alvellos há 9 [4] léguas, e é muito cheias de baixas; seis meses não é possível os vapores subirem (Silva, 1854, n. 81).

A população antes temerosa pelos ataques Mura, passou por uma mudança de comportamento ao longo das décadas, agora mais do que nunca, gostariam de viver na foz do rio Coari, um lugar fértil, diferente da baía onde ficava a freguesia, onde as formigas destruíam as plantações e ficava incomunicável por estar a horas de sua foz. Os Mura não desapareceram da região, residindo em quatro localidades, no lago Acará, lago Codajás, lago Piorini, e a outra no lago Mamiá (Silva, 1854, n. 81). Este último podendo ser ligado ao padre que conversou com Paul Marcoy, que desejava fundar uma missão com os Mura dessa localidade.

---

<sup>13</sup> Anacleto Elizario da Silva (SILVA, 1854, n. 81) escreve o sobrenome de David como Abudaram, e João Wilkes Mattos (MATTOS, 1855, p.88-89) escreve como Abdaram, através das pesquisas de sobrenomes judeus, foi encontrado Abudarham, próximo a Abudaram (fonético) utilizado por Anacleto, então utilizei Abudarham.



O Marajó foi o primeiro Vapor a aportar no lago de Coari, contudo, o primeiro vapor a aportar na própria freguesia de Alvellos foi o Vapor Monarcha, cuja estrutura acomodou em sua primeira viagem, João Wilkens Mattos em 1854. Diferente de Anacleto, Mattos adentrou a freguesia e não dependia das informações de terceiros para descrever a situação da mesma. Contendo 12 casas de palha, uma Igreja, que no tempo da visita do padre Caetano estava sendo construída, agora estava arruinada. A população da freguesia não ultrapassava 1.100 habitantes, dentre esses, somente um terço vivia no povoado, os outros dois terços residiam em seus sítios, Coari adentro. De acordo com Mattos, não existia mais “horda gentílica” no rio Coari e nem nos dois ao seu redor, rio Urucu e Aruã, agora é possível as pessoas navegarem suas margens para colherem castanhas sem temerem serem atacadas por indígenas, principalmente Mura (Mattos, 1855, p. 89).

João Wilkens Mattos possuía as mesmas opiniões de seu antecessor Anacleto, e já levantada por Sampaio sobre a localização de Alvellos. A posição atual da freguesia não poderia oferecer seu próprio desenvolvimento, porque é “açoitada de ventanias fortes, o solo é árido e a distância em que está da foz do rio dificulta o acesso, principalmente no tempo da seca [...]” (Mattos, 1855, p. 89-90).

Buscando a prosperidade, a população, de acordo com Mattos, foi autorizada pela Lei Provincial promulgada pela Presidência da Província, a transferir a Matriz da baía entre os três rios, para junto a foz do rio Coari (Mattos, 1855, p. 90). A mudança aconteceria em 1854<sup>14</sup> e a Freguesia de Alvellos se localizaria onde se encontra nos tempos atuais (Imagem 1), sendo a última mudança de local que iniciou em Paratari na atual Manacapuru.

João Wilkens Mattos nos relatou que Alvellos se transferiria para junto a foz do Coari, por causa do apelo populacional. De acordo com o relato de Antonio Gonçalves Dias, em sua visita na freguesia de Alvellos em 1861, nos conta que a mudança foi gradual: primeiro o padre se mudou junto com algumas pessoas, levando consigo os sinos da igreja, construindo uma pequena capela na nova localidade. Os moradores aos poucos se mudaram, restando somente alguns indivíduos que tinham ainda interesse na antiga região, que estava se tornando a cada dia mais inóspita. (Dias, 1861, p. 01).

James Orton em sua viagem “Do Andes ao Amazonas” em 1870 observaria uma freguesia diferente “[...] Coari é um amontoado de quinze casas, seis delas rebocadas,

---

<sup>14</sup> A transferência de Alvellos se deu pela Lei n°37 de 30 de setembro de 1854, o lugar escolhido junto a foz foi o sítio dos irmãos Tomás e Antônio Pereira Guimarães (Mello, 1986, p. 117).



caiadadas<sup>15</sup> e ladrilhadas. Situa-se junto a um lago com o mesmo nome - a foz expandida de um pequeno rio cujas águas são castanho-escuros e cujas margens são baixas [...]” (Orton, 1870, p. 241-242)<sup>16</sup>.

O Cônego Francisco Bernardino de Souza em sua obra “Pará e Amazonas pelo Encarregado dos trabalhos Etnográficos” em 1874, deixa registrado que em 1º de Maio de 1874 a Freguesia de Alvellos se eleva a Vila<sup>17</sup>, e cuja denominação voltou ao seu nome indígena, Coari. Ele constata que a Vila de Coari possuía de acordo com o último recenseamento, 2.079 habitantes, levando em consideração todo o termo de Coari (Souza, 1875, p. 172).

A Vila de Coari, possuindo uma certa autonomia política, começou a se desenvolver. Quase dez anos depois da elevação à vila, o viajante português, Antônio Lopes Mendes chega à localidade, e relata o seguinte:

Coari, que tem amplas e vistosas casas de habitação, abarracadas e algumas de sobrado ou primeiro andar, oferecendo risonha perspectiva, vista do rio, divide-se em dois bairros, n’um dos quais vivem os conservadores, e no outro os liberais. Os indivíduos que formam estes dois partidos, não convivem uns com os outros, a ponto de nem assistirem à missa na mesma igreja (Mendes, 1988, p. 184).

A luta política em Coari antes mesmo do início da República já estava acirrada, ao ponto de dois grupos políticos rivais se recusarem a assistir à missa na mesma Igreja, como relata Antônio Lopes Mendes. Isso mostra a mudança que Coari passou desde a missão fundada em Paratari, fugindo por causa dos mosquitos e dos Mura, como afirma Sampaio, se fixando em locais diferentes até se posicionar na foz do rio Coari, não mais sofrendo pelas terras dominadas pelas formigas, tornando possível aos grupos políticos se desenvolverem. De uma única rua da Freguesia de Alvellos, até dois bairros na Vila de Coari, sua expansão somente aumentaria com o passar dos anos.

### **Da Subsistência à Exportação**

<sup>15</sup> Revista de cal ou substância branca.

<sup>16</sup> Parágrafo traduzido livremente do inglês, o original: Coary is huddle of fifteen houses, six of them plastered without, whitewashed, and tiled. It is situated on a lake of the same name - the expanded outlet of a small river whose waters are dark brown, and whose banks are low.

<sup>17</sup> Quando a Freguesia é elevado a Vila, obtém certa autonomia político-administrativa, possuindo câmara dos vereadores, cadeia e pelourinho, os poderes legislativo e executivo de hoje (O Mochileiro, 2020).



A Província do Grão-Pará no século XVIII teve sua economia voltada para a extração das drogas do sertão, realizadas principalmente por indígenas descidos<sup>18</sup>. Alvellos, que teve seu início como uma missão para catequisar os índios ao redor do rio Solimões, também teve sua economia voltada para o extrativismo das drogas do sertão. O rio Coari, quarta localização da missão de Alvellos, de acordo com José Monteiro de Noronha em 1768, era abundante em tartarugas e peixes, bem como na floresta ao redor era encontrado óleo de copaíba e algumas salsas (Noronha, 1862, p. 36).

Maiores detalhes sobre o extrativismo ao redor da região do povoado de Alvellos se deu através do Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro Sampaio em 1775. Sua primeira observação não foi deste extrativismo, e sim da agricultura, a criação de arrozais em comum da povoação, criados pelos diretores do lugar, servia tanto para a alimentação desta população como para a exportar à Barra de São José do Rio Negro, onde se tornaria fácil a venda deste produto (Sampaio, 1985, p. 143).

Sampaio fez um balanceamento dos bens produzidos pela agricultura e pelo extrativismo, presentes em Alvellos: no ano de 1775 existia 550 pés de cafés e 3.100 pés de cacaus plantados na região por pessoas “brancas”. A colheita comum da população do povoado acerca dos pés de cacaus, aproximava-se de 639 arrobas ( $\cong 9,3$  toneladas)<sup>19</sup>, e dos particulares de 137 arrobas ( $\cong 2$  toneladas). Outro dado é sobre a manteiga, provavelmente oriunda das tartarugas, sendo produzida neste mesmo ano, 143 potes ( $\cong 1.200$  litros)<sup>20</sup> (Sampaio, 1985).<sup>21</sup>

O Ouvidor Sampaio nos mostra que mesmo com as inundações de formigas no lugar de Alvellos, a população ainda tentava fazer sua agricultura, ou roçado, não desistindo no processo.

Manuel Aires Casal nos traz novas informações sobre os produtos extraídos da região em 1817, como cravo, cacau, copaíba, salsaparrilha e manteiga dos ovos de tartarugas, que segundo ele, esta última era abundante na região. Além destes produtos, Alvellos possuía sua indústria, que consistia em “olarias, tecidos de algodão e esteiras<sup>22</sup>” (Casal, 1817, p. 328-329). Podemos observar que Alvellos possuía a economia

<sup>18</sup> Os descimentos foram estratégias utilizadas pela Igreja e por particulares com o objetivo de facilitar a integração dos indígenas à sociedade civilizada, visando também empregá-los como mão-de-obra barata (Souza & Cavalcante, 2018).

<sup>19</sup> De acordo com Luís Seabra Lopes (2023, p.150), 01 arroba equivalia a aproximadamente a 14,688 kg.

<sup>20</sup> De acordo com Barreiros (1838, p. 63), 01 pote equivalia a 8,475 litros.

<sup>21</sup> Os dados presentes neste parágrafo foram extraídos dos mapas número VII e VIII da obra de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1985).

<sup>22</sup> Segundo o dicionário "Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Candido Figueiredo" revisada em 2010, esteira é um tecido feito de juncos, tábuas, etc.



extrativista em seu centro, praticando a agricultura, cujas formigas eram os principais obstáculos ao seu desenvolvimento, e uma indústria primitiva baseada em três produtos.

Quando Spix e Martius visitaram Alvellos em 1819, o povoado possuía poucos moradores. Um fator que pode explicar tal abandono, era que os homens estavam “longe nas caçadas ou no preparo da manteiga de tartaruga” (Spix & Martius, 2017, p. 243). A empreitada da população para mata adentro ou para as praias ao redor do lago, poderia ser perigosa, principalmente por povos indígenas hostis a eles, mesmo assim, pela busca da sobrevivência, eles se aventuravam em busca desses produtos.

Alvellos se desenvolvia cada vez mais, quando o naturalista italiano Gaetano Osculatti aportava no lago de Coari, Alvellos já era Freguesia. Ele parou no lago de Coari porque o companheiro que fez durante a viagem, o comerciante irlandês Neil-Bradly, queria embarcar 100 alqueires de “castanhas-do-Maranhão” ( $\cong 1.380$  litros)<sup>23</sup>. Tal produto saíria do lago de Coari rumo ao baixo Amazonas para serem revendidos.

O local do embarque desse produto era na propriedade do comerciante, o judeu da Inglaterra, David Abudarham, mostrando a dinâmica do comércio da região, pois não precisaria ir diretamente a própria Freguesia de Alvellos para negociar os produtos oriundos dela (Osculatti, 1900, p. 164). Para conseguir exportar esse produto, era necessário o uso da mão-de-obra indígena, levando muitos deles à morte, pois a castanha se desenvolve em um ouriço do tamanho de um coco, que fica pendurado em árvores de grandes proporções, ao amadurecer poderiam cair com o simples soprar dos ventos, e muitas vezes, caem em cima das cabeças dos indígenas que estão abaixo delas os colhendo, sendo elas muitas vezes fatais. Osculatti afirma que além do lucrativo comércio das castanhas, há outros produtos bem lucrativos para a Freguesia, como o “bálsamo-de-copaíba, borracha e estopa da casca genciana” (Osculatti, 1900, p. 165).

Três anos depois da visita de Osculatti, o naturalista Henry Walter Bates aportou no lago de Coari em 1850, avistando entre as árvores várias plantações de café, e trouxe em seu relato mais uma camada do comércio realizado pelo judeu David. Ele observou que David estava “de pés no chão, calças arregaçadas até acima dos joelhos, muito ocupado com certo número de indígenas - homens, mulheres e crianças - a descascar e secar cacau, que cresce espontâneo e em imensa profusão nos arredores” (Bates, 1944, p. 167-168).

---

<sup>23</sup> De acordo com Barreiros (1838, p. 63), 01 alqueire equivalia a 13,8 litros.



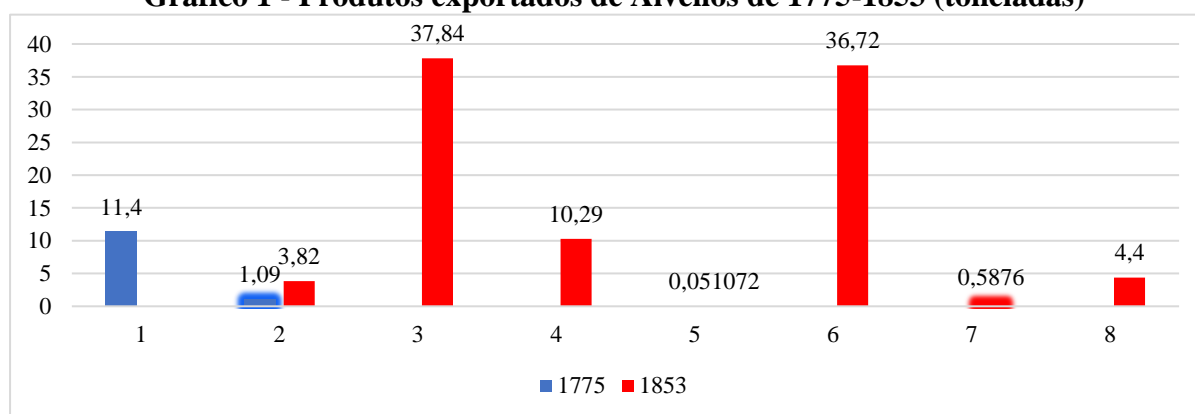
Usando a mão-de-obra indígena, ele movimentava seu comércio pelo lago de Coari, se adaptando completamente a região, ainda vendeu a Bates provisões para a continuação da viagem. A única coisa que Bates não conseguiu comprar foi açúcar, dito por ele como “artigo de luxo”, se contentando com melado para adoçar seu café, adoçante usados por todos nesta região (Bates, 1944, p. 168). Até agora, não foi dito que Alvellos produzia cana-de-açúcar, então seria normal Henry Bates não conseguir tal artigo de luxo.

Na primeira viagem do Marajó em 1853, Anacleto Elizario da Silva apontou os gêneros que a Freguesia de Alvellos exportava e suas respectivas quantidades:

[...] três mil alqueires de castanha [≅41.400 litros]; setecentas arrobas de coco [≅10 toneladas], quarenta canadas de óleo copaíba [≅56,5 litros]<sup>24</sup>, duas a três mil arrobas de peixe seco [≅29 a 44 toneladas], quinhentos potes de manteiga de tartaruga e peixe boi [≅4.200 litros], quarenta arrobas de salsa [≅580kg], e trezentas arrobas de café [≅4 toneladas] (Silva, 1854, n. 81).

De acordo com o gráfico 1, podemos observar os produtos exportados de Alvellos para nível de comparação dos anos de 1775 e 1853. Os maiores produtos exportados registrados por este ajudante do Marajó foram os peixes secos e a castanha, muito abundante no lago e floresta de Coari, e pelos números, as maiores fontes de renda da população. A cana-de-açúcar ainda não era produzida em Alvellos, não comercializando assim o artigo de luxo que Bates tanto desejava.

**Gráfico 1 - Produtos exportados de Alvellos de 1775-1853 (toneladas)<sup>25</sup>**



**Fonte:** Dados Extraídos dos mapas feitos pelo Ouvidor Sampaio e dos relatos do Anacleto Elizario da Silva. Gráfico feito por (Autor).

Tanto João Wilkens Mattos em 1854 (Mattos, 1855, p. 89), como James Orton em 1870 (Orton, 1870, p. 242), repetem o que os viajantes anteriores registraram, não

<sup>24</sup> De acordo com Barreiros (1838, p. 63), 01 canada equivalia a 1,4125 litros.

<sup>25</sup> Os dados referentes ao peixe seco constam entre 2 mil e 3 mil arrobas. Optamos por escolher o valor de 2,5 mil arrobas para não variar mais de um lado do que do outro, e convertidos para toneladas. A palavra coberta por (...) Significa Manteiga de tartaruga e peixe boi.





havendo quase nenhuma mudança dos produtos plantados e extraídos de Alvellos. De plantação, existe agora o milho e tabaco, e da extração os mesmos produtos dos anos anteriores continuam sendo extraídos (Mattos, 1855, p. 89). Mostrando que mesmo com a mudança de sede da baía próxima aos três rios, para a foz do lago de Coari, não houve grandes mudanças em relação a cultura alimentícia.

A economia de Coari, nesse momento, se baseava na extração das drogas do sertão, na pesca dos peixes no rio Coari e nos seus arredores, na busca por ovos de tartarugas nas praias da região, assim como no plantio de algumas agriculturas, como café, algodão e tabaco. Também houve uma indústria em Alvellos, mesmo que primitiva, se desenvolveu no meio da floresta amazônica, a manufatura de olarias, tecidos de algodão e esteiras. Freguesia de Alvellos, posteriormente Vila de Coari, nunca deixou de se desenvolver, mostrando que mesmo parecendo uma cidade fantasma, sua economia passou da extração de produtos para a subsistência para a exportação em grandes quantidades de seus produtos para a capital e arredores.

### **Do divino ao mundano**

Observamos como o povoado se constituía: um lugar lúgubre, onde a melancolia reinava, cuja economia era voltada para o extrativismo e a agricultura, e seu principal inimigo eram as formigas. O que movimentou todo esse processo ao longo dos séculos não foi ninguém menos que a própria população, então saber como ela era constituída, e como ela sobreviveu ao longo de dois séculos se torna essencial para o entendimento dos tópicos abordados acima.

Coari surgiu de uma missão com o propósito de catequizar os indígenas do rio Solimões, sendo eles seus primeiros habitantes, além dos próprios missionários, Jesuítas ou Carmelitas. Os indígenas eram descidos para essa missão e catequizados ao longo dos anos, levando suas nações a desaparecerem ao longo do tempo, restando somente seus descendentes em Alvellos. Segundo o padre José Monteiro de Noronha, os indígenas que compõem a população de Alvellos, eram constituídos das etnias " Sorimão [Solimão/Jurimagua], Uamarú [Uanani], Catauixi, Iuma [Juma], Cochiuará [Purus], Irijú, e Uayupí [Guayupé/Uarupi]<sup>26</sup>" (Noronha, 1862, p. 36-37).

O lugar de Alvellos continuou com os descimentos com o passar dos anos, chegando a descer novas etnias para o povoado, como os Passé (Sampaio, 1825, p. 23-

---

<sup>26</sup> Adotaremos neste artigo os nomes atuais dessas etnias indígenas, colocando entre colchetes caso a citação traga os nomes antigos.



24). O Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, constrói uma estimativa sobre como essa população era formada, desde os indígenas, passando pelos brancos e tendo até mesmo negros escravizados, e onde elas estavam posicionadas dentro deste pequeno lugar.

Sampaio levanta em seus dados um total de 378 indígenas vivendo no lugar de Alvellos. Dentre eles, 190 são do sexo masculino e 188 do sexo feminino, quase não havendo diferença entre seus números. Entre os homens, 49 são meninos de até 07 anos, 01 deles descido no ano de 1775; 34 são jovens entre 07 e 15 anos; 94 adultos entre 15 e 60 anos, 04 deles descido no mesmo ano de 1775; e 10 entre 60 e 90 anos, não foi registrado nenhum indígena acima dos 90 anos, totalizando assim 187 indígenas do sexo masculino. Para completar os três restantes, Sampaio atribuiu não a idade, mas ao cargo, existia em Alvellos, 02 indígenas homens como Principais<sup>27</sup> e 01 como Alferes<sup>28</sup> (Sampaio, 1985).

Entre as 188 indígenas, 42 são meninas de até 07 anos, 01 descida no ano de 1775; 43 são jovens entre 07 e 14 anos; 94 são mulheres entre 14 e 50 anos, e 02 descidas no mesmo ano de 1775; e 09 entre 50 e 90 anos, também não foi registrada nenhuma indígena acima dos 90 anos (Sampaio, 1985). A maioria da população indígena era formada por adultos, cuja mão-de-obra era muito desejada, então justifica os números registrados por Sampaio.

O Ouvidor Sampaio ainda registrou a ausência de 08 indígenas do sexo masculino e 08 indígenas do sexo feminino do lugar de Alvellos. Além dessa ausência, foi registrado 08 indígenas homens a serviço do Rei; 02 ao serviço dos moradores; 25 aos serviços nas canoas de negócios; 20 indígenas que se ocupam de roças e pescados; e 05 indígenas mulheres a serviço dos moradores (Sampaio, 1985).

Como descrito acima, a maioria da população era composta por indígenas, mas eles não eram os únicos a ocupar o lugar de Alvellos, ainda temos 54 pessoas brancas, ditas livres, e 04 pessoas negras, ditas escravizadas. Das 54 pessoas, 22 são do sexo masculino, sendo 09 crianças de até 07 anos; 03 rapazes entre 07 e 15 anos; e 10 adultos entre 15 e 60 anos, não foi registrado nenhum homem com idade superior a 60 anos. Ainda temos 32 mulheres brancas, muito superior aos dos homens, sendo dentre elas, 03

---

<sup>27</sup> O cargo ou função de Principal, segundo Almir Diniz Carvalho Júnior (2007, p.146), abrangia diversas responsabilidades, desde aliados militares respeitados dos primeiros anos da conquista até líderes simples que gerenciavam a distribuição de trabalhadores indígenas.

<sup>28</sup> Patente militar abaixo de tenente.



crianças de até 07 anos; 04 jovens entre 07 e 14 anos; 11 adultas entre 14 e 60 anos; e 14 entre 60 e 90 anos, nenhuma acima dos 90 anos (Sampaio, 1985).

Diferente dos homens brancos que não ultrapassam os 60 anos, as mulheres variam entre os 60 e 90 anos, e o número não é pequeno, entre as quatro faixas etárias, ela é a maior, com 14 mulheres, número até mesmo superior aos indígenas da mesma faixa etária.

O Brasil foi uma Colônia e um Império moldado na escravidão, das grandes metrópoles até um pequeno lugar em meio ao rio Solimões. O lugar de Alvellos não foge dessa realidade, possuindo 04 escravos, 01 menino de até 07 anos; 02 homens entre 15 e 60 anos; e uma mulher entre 14 e 60 anos<sup>29</sup>. Esta era a composição da população de Alvellos até 1775, os números aumentariam e suas proporções mudariam com o passar das décadas.

A população de Alvellos além de sofrer com as formigas que destruíam suas plantações, sofriam ainda com as doenças que se alastravam pela região, Sampaio registrou uma delas:

Grassavam neste lugar funestamente as bexigas, ainda que já estavam terminando. Além dos índios, que morreram, tinham desertado muitos, principalmente da nação Purú [Purus], com medo delas. Medo bem fundado; porque as bexigas em índios é mal mortal, e de que raros escapam. (Sampaio, 1825, p. 24)

Com as fugas dos indígenas por medo de morrerem pelas bexigas, Sampaio ainda diz que o lugar de Alvellos aumentou o número de descimentos para suprir com a mão-de-obra que foram perdidas tanto nas mortes como nas fugas dos indígenas (Sampaio, 1985, 156-157).

Sampaio nos mostrou o censo da população e suas lutas contra as doenças da região, mas o padre Caetano Brandão traz o lado religioso desta população, o divino em detrimento do mundano. Quando chegou no lugar de Alvellos em 1789, sua primeira atitude foi instruir o povo, crismando as crianças e os adultos, pois estavam todos atrasados com os sacramentos. Ainda realizou uma procissão pela única rua do lugar, cantando o Terço de Nossa Senhora, além de realizar tais atos, recebeu várias confissões da população (Amaral, 1867, p. 307).

---

<sup>29</sup> Todos os dados mostrados nos parágrafos acima foram extraídos dos mapas número IV, IV-A e VI da obra de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1985)



Padre Caetano ainda relatou sobre um escândalo público no qual foi o intermediador para encontrar o culpado, por não aguentar tamanha pressão, o culpado confessou ao padre todos os seus atos, pedindo ajuda para resolver o problema, o padre aceita, no qual o culpado pula de alegria e decide seguir o caminho da salvação (Amaral, 1867, p. 308).

Brandão registra em sua visita sobre os casamentos inter-raciais, entre os soldados do Reino e as indígenas da região, e o comércio entre a população de Alvellos e os Mura que vivem ao redor do lugar. Os Mura trocavam as tartarugas capturadas, flechas e salsa, por facas, machados etc., não passando do comércio, pois o Mura não aceitavam fazer parte da população de Alvellos (Amaral, 1867, p. 309).

O lugar de Alvellos ainda não havia se tornado próspero, um dos motivos era a falta de braços para cultivar as terras da região, o outro motivo era a invasão de seu principal inimigo, as formigas, cuja espécie é a Saúva, que destroem as lavouras ao redor. Mesmo tendo cabeças de gado vaccum para consumo, a população consumia principalmente as tartarugas que eram abundantes na região (Amaral, 1867, p. 309).

Quatro décadas após a vinda de Sampaio, Spix e Martius nos dão um panorama sobre a população de Alvellos, abrigando indígenas de diferentes etnias, agora contando com os Juri, que tiveram que desistir de sua língua nativa e de vários de seus costumes para poderem conviver de forma recíproca com os brancos que eram minorias (Spix & Martius, 2017, 243). O apagamento das línguas indígenas bem como sua cultura se deu principalmente na época de Pombal, e perdurou por todo o período colonial, até mesmo no império.

Alvellos continuava sofrendo por causa das doenças, e sua população aos poucos diminuía, além das bexigas, o povoado sofria com “febres intermitentes malignas, causadas pelo transbordamento do lago, dizimam de quando em quando a população, que, sem o socorro médico, ainda mais de pressa sucumbe (infelizmente, em toda a Província do Rio Negro não há um médico diplomado)” (Spix & Martius, 2017, p. 243). O lugar de Alvellos dependia somente da própria população para sobreviver, não recebendo ajuda externa qualificada para cuidar do problema higiênico-sanitário que causava as várias doenças, levando muitos à morte.

No tempo de Sampaio, não havia nenhum indígena que ultrapasse os 90 anos de idade, 40 anos depois, os dois viajantes encontraram dois indígenas com mais de cem anos, e diferente dos europeus que definhavam com esta idade, os dois indígenas possuíam “incrível robustez e vivacidade ” (Spix & Martius, 2017, p. 243-244).



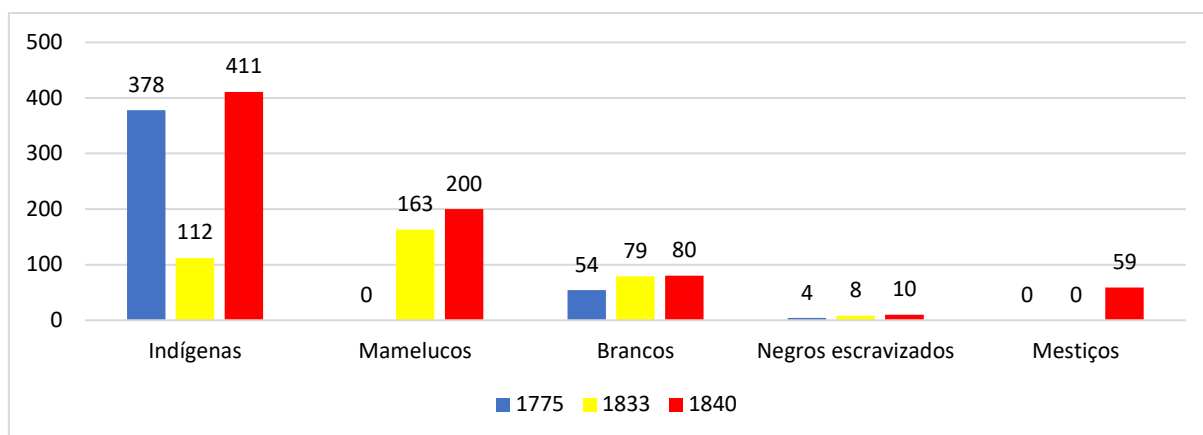
Spix e Martius ainda relataram a prática da caça para a subsistência (Spix & Martius, 2017, p. 243), e anos depois, Eduard Poeppig relataria alguns dos animais caçados nesta região, como a carne de lagartos terrestres de grandes proporções e iguanas (Poeppig, 2003, p. 371).

Antônio Ladislau Monteiro Baena em 1833 registra dados específicos sobre a população de Alvellos, e os números se diferem dos anteriores apontados por Sampaio. Houve uma diminuição das populações indígenas, 51 indígenas homens e 61 indígenas mulheres, acredito que essa diminuição se deu pela separação em uma nova categoria que aparece nos dados de Baena, os mamelucos, uma junção de brancos e indígenas, cujo números são de 88 mamelucos e 75 mamelucas (Baena, 2004, p. 293-294). Número grande que mostra que houve relações de forma consensual ou não, entre brancos e indígenas em Alvellos com o passar do tempo, apontada também pelo padre Caetano em 1789.

A população branca teve um aumento, nos relatos de Sampaio era de 54, agora eram em sua totalidade de 79 indivíduos. Dentre eles, 41 homens brancos e 38 mulheres brancas. Não foi somente o número de pessoas brancas que passou por um crescimento, os negros escravizados também aumentaram, foram de 04 em 1775, para 08 em 1833, dobrando assim seu valor. Entre eles, 05 eram homens e 03 mulheres (Baena, 2004, p. 293-294).

Lourenço da Silva Araújo e Amazonas (1984) também fez um senso, este no ano de 1840, e os números novamente variaram. O número total de indígenas se aproximava dos 411 indivíduos, esse aumento pode ser atribuído, possivelmente, aos descimentos realizados pela freguesia. Os mamelucos aumentaram para 200 indivíduos. As pessoas brancas aumentaram somente em uma pessoa, chegando a 80. O número de negros escravizados continuou a subir, totalizando 10, e surge uma nova classe, o mestiço, junção de duas etnias diferentes, possuindo 59 indivíduos em sua composição, como podemos observar no gráfico 2. Alvellos continuava sendo um povoado escravista, com casamentos inter-raciais e uma população branca crescendo cada vez mais.

### **Gráfico 2 - Cor/Condição Jurídica da população de Alvellos**



**Fonte:** Dados Extraídos dos mapas feitos pelo Ouvidor Sampaio e Lourenço da Silva e Amazonas, e dos relatos do Antônio Ladislau Baena. Gráfico feito por (Autor).

Na visita de Gaetano Osculatti na jovem Freguesia de Alvellos, ele relata que “os habitantes estão sujeitos a febres terçãs e tifoide” (Osculatti, 1990, p. 164). Alvellos mesmo sendo elevado a freguesia, ainda não superou os surtos de febre de sua população, estando à mercê de algum milagre.

Brandão, Baena e Amazonas nos traz a existência das relações inter-raciais, e Paul Marcoy em 1848 nos mostra uma cerimônia de casamento que confirma essa existência. Ao chegar na Freguesia de Alvellos, ele se depara com a realização desta cerimônia, entre um soldado<sup>30</sup> e uma mulher tapuia<sup>31</sup>, que agitou o povoado, comparecendo os três poderes locais: as autoridades civis, os militares e os eclesiásticos, tornando a cerimônia muito mais importante. O povoado festejava desde o amanhecer, ultrapassando para o dia seguinte, sons de instrumentos foram ouvidos, tamborins e guitarras, bem como os altos gritos dos convidados, todos bebiam a cachaça, tornando a festa ainda mais animada (Marcoy, 2006, p. 142-144). O momento único a ser registrado, a população poderia viver em um lugar deprimente de acordo com os tantos adjetivos que Marcoy utilizou para descrever um quão triste é o lugar, mas o povo vai na direção oposta, sendo festivo e receptivos, não se deixando abalar por tantas doenças e pragas na região.

Paul Marcoy ainda relata de forma indireta algumas carnes e produtos consumidos pela população de Alvellos. Ao caminhar por Alvellos, ele avista algumas vacas pastando pelo lugar, podendo ser usadas tanto para o consumo da carne bovina como os derivados de seus produtos oriundos do leite, também apontada pelo padre Caetano. Partindo de

<sup>30</sup> Como não houve nenhuma identificação da origem do soldado, e houve a designação de Tapuia para a mulher, chegamos à conclusão de que o soldado era um homem branco, fazendo até mesmo as autoridades civis, militares e eclesiástica comparecerem ao casamento.

<sup>31</sup> Tapuio ou Tapuia, são os indígenas que não falam o tupi, neste caso, a mulher com raízes indígenas está completamente dentro do sistema colonial.



Coari, ele conversa com o padre da região, que o oferece carne de carneiro, outro animal presente na freguesia, e consumida pela população (Marcoy, 2006, p. 144-146).

Marcoy trouxe a informação que vai além dos números apresentados no Gráfico 2, mas não foi o único, temos alguns moradores de Alvellos cujos nomes aparecem no decorrer da segunda metade do século XIX, bem como relatam um pouco de suas vidas.

O judeu vindo da Inglaterra, David Abudarham, fixou sua residência ao redor do lago de Coari, onde exerceu a atividade de comércio, sendo um comerciante atuante na região, seu sítio serviu como ponto de exportação dos produtos locais, como para conseguir informações tanto da região como da freguesia de Alvellos. Em seu sítio trabalhavam indígenas na produção do cacau, e provavelmente de outros produtos locais, eles eram homens, mulheres e até crianças, frutos de possíveis descimentos realizados pela freguesia. Ele se adaptou muito bem a região, chegando a desejar nunca mais voltar para a Europa, sendo bem-sucedido onde estava (Bates, 1944, p. 167-168; Silva, 1854, n. 54; Mattos, 1855, p. 88-89).

O ex-tenente Simões Soure aparece de passagem no relato de Anacleto Elizario, sendo um homem com bastante idade e responsável por receber as ordens vindo da capital da Província do Amazonas, sendo a única autoridade do lugar. E como David Abudarham possuía uma casa grande, Simões não foi diferente, sendo as duas únicas casas grandes ao redor do lago de Coari (Silva, 1854, n. 54).

Tanto o negociante judeu, David Abudarham, como o ex-tenente, Simões Soure, surgem da década de 1850 nos relatos dos viajantes, mas a figura de Fortunato Antônio de Assumpção aparece nos registros na década de 1880 através do relato do português Antônio Lopes Mendes, parceiro de viagem do próprio viajante português durante sua viagem pelo rio Amazonas. Fortunato residia na Vila de Coari há treze anos, surgindo então no início da década de 1870, antes de Coari se tornar vila. Ao casar-se com sua companheira na vila, ele mandou trazer um padre de Manaus para a realização da cerimônia, além de pagar 300\$000 réis (leia-se: trezentos mil réis) ao padre, ainda custeou a passagem de ida e volta no vapor, alimentação, entre outros gastos. Com tantos gastos para realizar um casamento, provavelmente o próprio valor da cerimônia como um todo foi ainda superior, mostra o quanto Fortunato possuía recursos e não era uma pessoa comum vivendo na vila de Coari (Mendes, 1988, p. 185-185).

O caso de Fortunato pode também ser levado por uma outra perspectiva, ao mandar trazer o padre de Manaus, mostra que não havia nenhum padre residindo na vila de Coari, como nos tempos de outrora. Segundo Mendes, o único pároco que existia na



região era de Tefé, e que de tempos em tempos vinha à vila de Coari para ministrar os sacramentos, e se algum indivíduo que tivesse dinheiro e estava se arrependendo de alguns de seus pecados, mandava chamar este pároco, arcando com todo o custo do traslado, para assim confessar seus pecados. Além desse cenário de falta de padre, a população no geral não se importava muito, pensando mais nas coisas mundanas em detrimento da divina, como sobreviver as febres palustres (malárias) que se alastrava pela vila (Mendes, 1988, p. 184-185).

### **Considerações Finais**

Coari sendo analisada por esses três vieses, foi possível criar um panorama para podermos entendê-la com o passar dos dois séculos. Surgiu de uma missão com o objetivo de catequisar os indígenas (Juma, Juri, Jurimagua, Passé, Guayupé, Iriju, Purus, Catauixi e Uanani), residindo em quatro lugares diferentes (Paratari, Uanamá, Guajaratiba, Alvellos), até se acomodarem na foz do lago de Coari.

Sua economia se baseando no extrativismo de drogas do sertão (coco, castanhas, salsaparrilha, copaíba, cacau, cravo, borracha etc.); da extração de ovos de tartarugas e banhas de peixe-boi para produzirem manteigas e óleos; da pesca; agricultura (café, arroz, tabaco, milho, algodão etc.) e uma pequena indústria (olaria, tecido de algodão e esteiras). Sua população constituída de indígenas, brancos, mestiços - frutos de relacionamentos inter-raciais – e negros, todos eles escravizados, tornando Coari uma sociedade escravista. Coari era um vilarejo que tentava sobreviver a pragas que destruíam suas lavouras (formigas saúvas) e as doenças que ceifavam suas vidas (malária, febre tifoide, bexigas etc.). Com uma população que vivia em um lugar lúgubre e melancólico, até conseguirem autorização para se mudarem para as terras férteis da foz do Coari, onde seu desenvolvimento foi ainda maior. Esta é a Coari que um dia se tornaria a Rainha do Solimões, sendo vista sob a perspectiva dos viajantes que outrora passaram pela região nos séculos XVIII e XIX.

**Data de Submissão:** 22/02/2024

**Data de Aceite:** 13/05/2024





## Referências

AMARAL, Antonio Caetano do. **Memorias para a história da vida do venerável arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão. Tomo I.** - 2.ed. - Braga: Typ. Dos Orfãos, 1867.

AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo e. **Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo do Alto Amazonas.** Reimpressão facsimilar, Recife: Typografia Comercial de Meira Henriques, 1852. - Manaus: GRAFIMA, 1984.

ARRAIAL, distrito, freguesia ou vila? Qual a Diferença?. **O Mochileiro.** Disponível em: <https://omochileiro.blog.br/index.php/2020/05/25/arraial-distrito-freguesia-ou-vila-qual-a-diferenca/>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. **Ensaio corográfico sobre a província do Pará.** - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

BARREIROS, Fortunato José. **Memória sobre os Pesos e Medidas de Portugal, Espanha, Inglaterra e França.** Academia Real das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1838.  
BATES, Henry Walter. **O Naturalista no Rio Amazonas.** Tradução de Candido de Mello-Leitão. - São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Bahia; Pará; Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, vol. 2, 1944.

CALDAS, Aulete. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa.** GEIGER, Paulo (org.). – Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.  
CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz. “Líderes Indígenas no mundo cristão colonial”. In.: **Canoa do Tempo – Revista do Programa de Pós-Graduação de História.** Manaus.Nº1 – jan/dez. 2007.

CASAL, Manuel Aires. **Corografia Brasílica ou Relação Historico-Geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por hum Presbitero Secular do Gram Priorado Crato. Tomo I.** - Rio de Janeiro: Impressão Regia, 1817.

CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. **História: Questões & Debates**, v. 36, n. 1, 2002.

Diario da primeira viagem do vapor “Marajó”de Belém a Nauta pelo Amazonas, em setembro de 1853, por Anacleto Elizario da Silva, ajudante do mesmo vapor. **Correio Mercantil**, 03/02/1854. Ano XI. n. 54.

Diario da primeira viagem do vapor “Marajó”de Belém a Nauta pelo Amazonas, em setembro de 1853, por Anacleto Elizario da Silva, ajudante do mesmo vapor. **Correio Mercantil**, 22/03/1854. Ano XI. n. 81.

DIAS, Antonio Gonçalves. **Falla Dirigida a á Assembleia legislativa provincial do Amazonas, na abertura da 2ª sessão ordinaria da 5ª legislatura no dia 3 de maio de 1861 pelo presidente da mesma, O Exmº Senr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da**



**Cunha. Documento nº 1.** - Manaus: Typographia de Francisco José da Silva Ramos, 1861.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa.** – Project Gutenberg Ebook, 2010.

HERNDON, W. L.; GIBBON, Lardner. **Exploración del Valle del Amazonas (1851).** Monumenta Amazónica. CETA, 2003.

JOBIM, Anísio. **Panoramas Amazônicos: Coary.** – 1a edição – Manaus: Imprensa Pública, 1933.

KURY, Lorelai Brilhante. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. VIII, n.Suplemento, p. 863-880, 2001.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. **Viagem na América Meridional descendo o Rio das Amazonas.** – Brasília: Senado Federal, 2000.

LOPES, Luís Seabra. Sistemas legais de medidas de peso e capacidade: do condado portugalense ao século XVI. **Portugalia: Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP**, v. 24, p. 113-164, 2003.

MARCOY, Paul. **Viagem pelo rio Amazonas.** - 2.ed. - Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.

MATTOS, João Wilkens. **Roteiro da Primeira Viagem do Vapor Monarcha, desde a Cidade da Barra do Rio Negro, Capital da Província do Amazonas, até a Povoação de Nauta, na Republica do Peru.** - Rio Negro: Typ. de M. S. Ramos, 1855.

MELLO, Octaviano Augusto Soriano de. **Topônimos Amazonenses: nomes das cidades amazonenses, sua origem e significação.** - 2.ed. - Manaus: Imprensa Oficial, 1986.

MENDES, Antônio Lopes. **América Austral: Um Viajante Português no Brasil – 1882-1883.** – UNOPAR, 1988.

MYSKIW, Antonio Marcos. Relatos de viajantes. In: Marcia Motta; Elione Guimarães. (Org.). **Propriedades e Disputas: fontes para a história do oitocentos.** 1.ed. Guarapuava-PR: Editora da Unicentro, 2011, v. 1, p. 207-211.

NORONHA, José Monteiro de. **Roteiro da Viagem da cidade do Pará, até as últimas colônias do Sertão da Província (1768).** – Pará : Typographia de Santos & Irmãos, 1862.  
ORBIGNY, Alcide d'. **Viagem pitoresca através do Brasil:** Tradução de David Jardim; apresentação de Mário Guimarães Ferri. - Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

ORTON, James. **The Andes and the Amazon: Or, Across the Continent of South America.** - New York: Harper & Brother Publishers, 1870.



OSCULATTI, Gaetano. De Tabatinga a Belém (1847). In ISENBURG, Tereza (Organizadora). - **Naturalistas italianos no Brasil**. - São Paulo: Ícone; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

POEPPIG, Eduard. **Viaje al Perú y al Río Amazonas (1827-1832)**; tradução de Federico Schwab. - Monumenta Amazónica. CETA, 2003.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. São Leopoldo pelo olhar dos viajantes: 1834-1906. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 38, supl., p. 240-252, nov. 2012.

ROCHA, Yuri Tavares. Fontes históricas e pesquisas geográficas: relatos de viajantes, iconografia e cartografia. **GEOUSP (USP)**, São Paulo, v. 9, p. 135-151, 2005.

ROSSATO, Luciana. A Natureza da Capitania de Santa Catarina a partir dos relatos dos viajantes. In: XXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz, 2005, Londrina. **XXIII Simpósio Nacional de História - História: guerra e paz**. Londrina: Editorial Mídia, 2005.

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. **Diário da viagem que em visita, e correição das povoações da Capitania de S. José do Rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente Geral da Mesma. No ano de 1774-1774**. Lisboa. - Typografia da Academia, 1825.

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. **As viagens do Ouvidor Sampaio (1774-1775)**: Diário da viagem que em visita, e correição das povoações da Capitania de S. José do Rio Negro; Apêndice ao Diário da Viagem; Relação geográfica e histórica do rio Branco da América Portuguesa. Manaus, ACA – Fundo Editorial, 1985.

SCARATO, Luciane Cristina. **Administração e Política Colonial**. 2004. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Material Didático).

SOUZA, Francisco Bernardino de. **Pará e Amazonas pelo Encarregado dos trabalhos Ethnographicos, Conego Francisco Bernardino de Souza**. - Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 2ª parte, 1875.

SOUZA, Ivanelison Melo de; CAVALCANTE, Ygor Olinto Rocha. Infância negra e indígena nos registros de batismo em Manaus (1820-1834). **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 5, n. 1, p. 82-96, jan./mar. 2018.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich P. Von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**; tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, v.3, 2017.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Rio Amazonas e Negro**. - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.